



# Arranjos

BERNARDO CONCEIÇÃO

ABERTURA

**22 de julho, às 19h**

EXPOSIÇÃO

**até 23 de agosto de 2025**

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8  
Corredor da Vitória, Salvador

**PAULO  
DARZÉ**

G A L E R I A



**Os arranjos podem ser compreendidos** como uma constituição de elementos que se organizam a partir dos acordos, combinados e contratos. Ditos e não ditos. Finitos e infinitos. Elementares na configuração social do povo brasileiro, eles se expressam nas mais distintas dinâmicas e diferentes formas. Bernardo Conceição nos convida a pensar a concepção etimológica da palavra “arranjo”, tomando as vivências do seu cotidiano manifestadas em sua produção artística. Os deslocamentos produzidos pelo artista, nesse balaio de cores e sabores, ativam sentidos que expandem nossos encontros com abundâncias e amores. Mergulhados na herança negra, na diáspora, os traços que se figuram nas suas obras revelam um mar de memórias e apresentam contornos simbólicos daquilo que é cura e alimento, afeto e conhecimento, amor e sustento. Característica marcante de sua produção, o artista explora a amplitude da poética da negrura mediada por uma temporalidade do agora, que, em seus versos em cores, aponta traços de um Brasil de fato.



**Para não cair sozinha**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 137 x 168 cm

## **“incorpora nos elementos pictóricos o retrato de um povo que é marcado por atos de cuidado e amor”**

Ao compor linhas guias expressivas representadas nas peles negras, incorpora nos elementos pictóricos o retrato de um povo que é marcado por atos de cuidado e amor, que advêm da terra, do sol, do mar. Persistente em explorar códigos desde a repetição, estrutura atos dialógicos em formato de convite para se ver o que não se pode olhar de uma só vez. Essa tática determina retornar à presença negra que se conecta e conflui em vibrantes contextos sob as nossas cabeças e corações. As histórias contadas pelo povo negro brasileiro apresentam modos de vida em detrimento do cânone racista que parece insistir sobre nossos corpos e vidas. Contra os terrores da intolerância religiosa aplicados e acentuados na contemporaneidade, as religiões de matrizes africanas na diáspora, nessa terra pindorâmica chamada Brasil, têm sido resistentes.

No candomblé, umbanda, jurema, entre outras manifestações da religiosidade negra e diaspórica, inquices, voduns e orixás entidades de nações bantos, jejes e iorubás introduzem no mundo formas outras, olhares outros, a partir da afirmação da presença viva e pujante de uma afroreligiosidade na cultura brasileira. Confirmado no Ilê Axé Odé Yeyê Ibomin, que é regido pela senhora dos rios, cachoeiras e águas doces, protetora da fertilidade e maternidade, da sedução e do amor, e pelo protetor da natureza e dos animais, compositor da fartura, abundância e prosperidade, quem possui sabedoria e astúcia no jogo, uma certa e única flecha, encontra nesse espaço de afeto e cuidado as novas coisas que sempre acontecem.

Nesse arranjo afrodiaspórico que é a composição de uma oferta ao mundo, Bernardo, que é filho do senhor das folhas e ervas, guardião dos mistérios e dos encantamentos, e da senhora dos ventos e tempestades, nos alimenta com suas obras expressivas, identidades daquilo que se vive em um cotidiano de uma pessoa de terreiro, enquanto movimento de cura, força e coragem. O artista transmuta em cores, gestos e contornos as energias e os encantamentos que nasceram com ele. Lança o convite para se viver o que acontece de outra forma, para entender o mundo e para sair do nublado.



Os Ìtans, nos arranjos dispostos pelo artista, na composição dessa exposição, contam narrativas que nos possibilitam apreender dinâmicas de um mundo outro que pouco experimentamos, mas que aqui saboreamos ao compreender que nossas peles, ontem alvas, não são mais

a barata carne negra do mercado. No perene exercício do convite à contemplação, daquilo que grita em nós, o percurso para o qual Bernardo Conceição nos chama à atenção está nos detalhes daquilo que ele afirma na poética do encontro. A fartura das seletas folhas, flores, frutas, enquanto mantos sobre a pele negra nos trabalhos “Manto de Providência”, “Genuinamente meu”, “Feira de quarta”, “Vivo do que tenho”, “Semear o chão” e “Tudo que preciso para parar de chorar”, expressa um conjunto de vetores sobre os quais o artista vem se debruçando em sua pesquisa, que é a representação das pessoas negras e brasileiras sendo alimentadas pela abundância, e não mais pela escassez. As composições “De mães diferentes” e “Para não cair sozinha” revelam o mais natural aprendizado da herança diaspórica: o ato coletivo do amor e do afeto, para permanecer de pé. “O sol e o amanhecer” e “Para não se afogar, mergulhe” dimensionam olhares e não olhares, que, manifestados em um tempo conduzido por tempos de respiro, expressam a dimensão do zelar, do cuidar e do acolher. “Pássaro Bonito”, “A imagem das nuvens no vento”, “Sentindo a luz do sol”, “Quem vê pensa que é raso”, “Costurando com luz a escuridão”, “Oyá de Shirley”, “Histórias do mar”, “Livre ninguém pode me segurar”, “Duas cabeças” e “Para fazer milagre” são, como as demais obras, um convite ao lugar de ser, pertencer e entregar ao mundo uma historiografia daquilo que sempre esteve dentro de si: os arranjos para uma nova vida e um novo viver.

**“A fartura das seletas folhas,  
flores, frutas, enquanto mantos  
sobre a pele negra”**



## **Oyá de Shirley**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 180 x 142 cm

As dinâmicas simbólicas que encontramos em suas expressões visuais revelam encontro com a pluralidade daquilo que somos enquanto pessoas negras, pois negro é lindo!

Conforme sinaliza outro poeta da arte, Jorge Ben Jor, diante das nossas características e essencialidades, nós, pessoas negras, constituímos a maior parte da população brasileira e, na constituição desse conjunto de obras sedimentadas do artista, observamos a nossa tão plural beleza. Temos verificado no decorrer da construção das visualidades no Brasil arranjos de uma ampla difusão da produção artística negro-brasileira, porque pessoas negras são artistas. O Museu de Arte Negra, movimentado por Abdias Nascimento; A Mão Afro-Brasileira: significado da contribuição artística e histórica, organizada por Emanuel Araujo; Histórias Afro-Atlânticas, desenvolvida por Hélio Menezes, Ayrson Heráclito, Lilia Moritz Schwarcz e Adriano Pedrosa; Dos Brasis: arte e pensamento negro, dimensionada por Igor Simões, Lorraine Mendes e Marcelo Campos, proposta por Deri Andrade; Afro-Brasilidade, condicionada por Paulo Herkenhoff e João Vitor Guimarães, entre outros trabalhos, sejam coletivos ou individuais, revelam intencionalidades poéticas e políticas que têm sido produzidas ao longo do tempo pelas mãos de pessoas negras.

**“suas expressões visuais revelam encontro com a pluralidade daquilo que somos enquanto pessoas negras”**

Envoltos em arranjos de frutas, folhagens, espelhos e linhas guias de vida, atravessados por dinâmicas simbólicas e referências sincréticas, o que se propõe nesse universo de práticas de encontros com nossos signos e sentidos dinamiza movimentos para olhar para os rostos e corpos dos negros brasileiros. Nesse percurso, o sentimento de esperança que o artista compartilha para as nossas cabeças e corações, com abundâncias e amores, são os arranjos, para comermos e nos alimentarmos de vida. “Arranjos” é mais uma composição nesse universo de formulações que têm sido fundamentadas no campo das artes visuais. “Arranjos” é uma pesquisa centrada na elaboração de gestos, adornos e representações do torna-se negro cotidianamente, com irmandade e prosperidade. “Arranjos” é um portal em que opostos que se atraem e iguais se aproximam. Aqui, os arranjos são uma oferenda, uma partilha de comensalidades de Bernardo Conceição ao mundo.

**LEONARDO MORAES**

Rio de Janeiro, 21/05/2025





## **Manto de Providência**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 180 × 140 cm



## **O sol e o amanhecer**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 106 × 144 cm





## **Pássaro Bonito**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 128 x 140 cm



## **A imagem das nuvens no vento**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 130 × 140 cm



**Tudo que preciso para parar de chorar**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 126 × 132 cm



**Quem vê pensa que é raso**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 80 × 130 cm





**De mães diferentes**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 100 × 147 cm

**Há na sua obra uma intervenção artística, uma maneira de enxergar o mundo, como ponto de partida através de fatos cotidianos, para uma forma de elaboração, um processo de criação?**

Sim, a minha arte, para além de autobiográfica, é fruto de pesquisa, de observação, da maneira como sou criado por essa cidade (Salvador), e a forma como eu observo essa mão afetiva da comunidade que construí aqui e que me educa e me constrói também.

**Discorra sobre o processo de seu trabalho: o que serve como base ou possibilidade para a criação? Você considera seu processo uma permanente busca da experimentação?**

Meu processo de trabalho é construído por diferentes nascentes, eu diria. Sou autodidata. A minha primeira aquarela foi aos 6 anos de idade e de lá para cá vem se transformando e amadurecendo junto com a pessoa e o artista em que venho me transformando. Falando sobre o processo técnico, ele é bem fluido. Eu tenho 26 anos. São 20 anos trabalhando e me especializando em pintura. Então eu já penso com um filtro artístico, vejo um sentimento, um momento da cidade que quero produzir, e automaticamente esquematizo como isso seria na tela. Filosoficamente falando, eu acho que meu processo é uma permanente busca pelo amor e pela experimentação de representação de diferentes formas de afeto. Pelo menos, é o que acredito atualmente, que o meu trabalho é uma extensa documentação e pesquisa de como amar em território brasileiro. Se enxergar amando no Brasil.



**Costurando com luz a escuridão**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 100 x 89 cm

**Quantas obras compõem esta mostra?**

**Variadas técnicas? Alguma pesquisa norteou sua produção nesta série?**

São 20 obras que compõem essa exposição. Eu misturo algumas das técnicas que aperfeiçoei durante meus anos de estudo. Então vão conseguir observar aguadas em alguns detalhes, texturas pesadas de acrílicas, entre outras. A pesquisa que norteia essa série é mais um braço desse grande projeto que desenvolvo há algum tempo, em que me debrucei sobre a palavra “arranjo” para criar uma relação entre as relações humanas, entre o mundo e também com os próprios humanos, e isto partiu de observar a minha mãe de santo, Odalice, e ver como ela vive de forma artística, como ela cria e fundamenta as coisas, às pessoas, o mundo. A forma como ela cria arranjos.

**E o momento Brasil? As circunstâncias de hoje nesta mostra?**

Acredito que essa mostra tem muito a contribuir. Ela nasce após nove meses de observação missiva da comunidade em que há sete anos faço parte como filho de santo, o Ilê Axé Odé Yeyê Ibomin. Nela eu trago alguns fundamentos sobre afeto e prosperidade que adquiri e, mais precisamente, sobre como os arranjos são importantes para as relações humanas, em sentido figurado, como o de sintetizar a beleza da natureza, dos frutos, num projeto artístico entregue ao mar (um balaio, por exemplo), como de forma literal, como nos arranjos entre as pessoas. Essas preocupações também são parecidas – como enfeitamos as relações humanas, dando a elas corpo, dedicação, tempo, beleza...



## **Semear o chão**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 100 × 84 cm





**Vivo do que tenho**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 100 x 79 cm



**Para não se afogar, mergulhe**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 102 x 91 cm



**Sentindo a luz do sol**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 84 x 92 cm





## **Histórias do mar**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 85 × 97 cm



## **Feira de quarta**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 62 x 72 cm





**Genuinamente meu**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 64 x 72 cm



**Livre ninguém pode me segurar**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 58 x 53 cm



## **Duas cabeças**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 58 x 48 cm





## **Para fazer milagre**

2025 ▪ acrílica sobre tela ▪ 58 x 49 cm



**Bernardo Conceição** nasceu em Salvador, Bahia, em 1999. Artista visual, cineasta, escritor, performer e criador das capas da coleção literária de contos e fábulas *Negros e crioulos*, pela editora baiana Segundo Selo é um artista multidisciplinar, criador da marca de criatividade, arte e moda Semprevivo, integrante na exposição “Raízes” pelo Museu Nacional de Cultura Afro-Brasileira (MUNCAB), e “Indomináveis Presenças”, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio de Janeiro. Seus trabalhos alcançam todos os tipos de suportes e públicos, tendo representado a Bahia como um dos convidados do festival Liberatum. Além disso, foi curador da categoria Artes Visuais na maior lista de expoentes negros do Brasil, a MOOC100 + Hyperbeats 2023. Seu trabalho mais recente em audiovisual inclui um projeto para a revista internacional *Dazed* (Reino Unido), no qual ele foi responsável pela direção de arte do filme *Anatomia da diáspora* de Janice Mascarenhas. É um dos artistas mais jovens a integrar o acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM/BA).

## **Coordenação**

Paulo Darzé e Thais Darzé

## **Texto**

Leonardo Moraes

## **Fotografias das obras**

Márcio Lima

## **Produção executiva**

Cica Lima

Patricia Nunes

Patricia Ribeiro

## **Montagem**

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Júnior

Jenivaldo Jesus dos Santos

## **Projeto gráfico e diagramação**

P55 Edição

## **Assessoria e revisão**

Claudius Portugal



**PAULO  
DARZÉ**  
G A L E R I A

[www.paulodarzegaleria.com.br](http://www.paulodarzegaleria.com.br)

 [@paulodarzegaleria](https://www.instagram.com/paulodarzegaleria)

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8. Corredor da Vitória – Salvador, Bahia

55 71 3267-0930 / 99918-6205